

E a fase “C” da implantação da Sociologia no Brasil:

Já a partir dos anos de 1940 novos sociólogos começam a aparecer no cenário brasileiro.

Esta terceira geração é formada por sociólogos que vieram de diferentes instituições universitárias, fundadas a partir de 1930 e inauguraram estilos mais ou menos independentes de fazer Sociologia.

Dessa forma, e progressivamente, a intelectualidade sociológica no Brasil começa a ganhar corpo. Também começam a surgir estilos ou tendências, o que fez com que surgissem diferentes “escolas” de Sociologia em São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e em outros lugares.

Dos autores que fazem parte dessa terceira geração, podemos citar Oliveira Viana, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, dentre vários outros. Mas vamos nos deter na obra do sociólogo paulista **Florestan Fernandes (1920-1995)**, importante nome da Sociologia crítica no Brasil.

Qual é a proposta de Sociologia que ele apresenta?

Florestan Fernandes foi um sociólogo que fez um contínuo questionamento sobre a realidade social e das teorias que tentavam explicar essa realidade. O objetivo deste autor foi de, numa intensa busca investigativa e crítica, ir além das reflexões já existentes.

Florestan Fernandes tinha como metodologia “dialogar”, de maneira muito crítica, com a produção sociológica clássica, com os autores citados no Folhas 02. Mas veja, o diálogo não se dava somente com aqueles autores, pois a lista de clássicos, principalmente modernos, é bem extensa.

Florestan também mantinha contínuo diálogo com o pensamento crítico brasileiro. Autores como Euclides da Cunha e Caio Prado Júnior, os quais vimos anteriormente, fazem parte de sua lista de interlocutores. O diálogo com esses autores foi fundamental para o seu trabalho de análise dos movimentos e lutas existentes na sociedade, principalmente aquelas travadas pelos setores populares.

Um outro aspecto de sua maneira crítica de fazer Sociologia foi a sua afinidade com o pensamento marxista, principalmente sobre o modo de analisar a sociedade, o que se constituiu numa espécie de “norte” crítico orientador de seu pensamento.

As transformações sociais que ocorreram a partir de 1930 no Brasil foram, também, uma espécie de “motor” para os trabalhos de Florestan. Mas não apenas para ele, pois como já mencionamos, essas transformações serviram de impulso para os trabalhos sociológicos no Brasil como um todo. E isso se deu principalmente a partir de 1940, pois essas transformações se intensificaram muito por causa do aumento da industrialização e da urbanização.



Florestan Fernandes

Algumas das conseqüências da urbanização, inclusive gerada pela migração de pessoas que, vindas do campo, procuravam trabalho nas indústrias das grandes cidades, foram o surgimento de problemas de falta de moradia, desemprego e criminalidade. Essas situações emergentes, logicamente, tornavam-se temas para a análise sociológica.

Para finalizar, vale ressaltar que a Sociologia crítica que Florestan inaugura também tinha o “olhar” voltado aos mais diversos grupos e classes existentes na sociedade. Algumas de suas pesquisas com grupos indígenas e sobre as relações raciais em São Paulo, por exemplo, tiveram o mérito de fornecer explicações que se contrapunham às explicações dadas pelas classes dominantes da sociedade brasileira.



ATIVIDADE

Contrapondo os autores...

Com base nos autores que vimos até aqui, construa uma argumentação que diferencie um autor dito “conservador” de um autor “revolucionário”.

Para exemplificarmos a forma do trabalho sociológico de Florestan...

Veja que interessante:

Uma de suas pesquisas, **sobre os negros** em São Paulo, demonstrada no livro **A integração do negro na sociedade de classes**, de 1978, vai auxiliar nossa explicação. Nesse trabalho, Florestan analisa como os negros foram sempre situados à margem na nossa sociedade.

Na presente obra podemos perceber as seguintes características sociológicas de Florestan:

- a) O interesse em explicar fatos relativos aos setores populares da sociedade, neste caso, os negros. Florestan queria saber como se deu o processo que colocou esse grupo “à margem” na sociedade brasileira. E, mais, queria uma interpretação diferente daquelas que as elites da sociedade forneciam a este respeito.
- b) Ele se filia ao pensamento crítico brasileiro ao afirmar que o negro não era um problema para a nação. Inclusive desenvolve a idéia de que os negros sempre foram agentes participantes das transformações sociais do país, ainda que de maneira menos privilegiada que os brancos.
- c) Faz uma crítica à sociedade capitalista que não “absorveu” os negros, que, segundo as elites da sociedade, encontravam-se em iguais condições em relação aos brancos e, inclusive, em relação aos inúmeros estrangeiros que chegavam ao Brasil para viverem e trabalhar.

Hum... Iguais condições? Será?

Imagine só... De um dia para outro todos os negros, os que antes foram de maneira desumana tratados como “coisas” e úteis apenas para o trabalho, tornaram-se livres para atuarem nas empresas e comércio da época, se é que assim podemos chamar os empreendimentos daquele tempo, isto é, em 1888.

Os negros tentaram, mas “...viram-se repudiados, na medida em que pretenderam assumir os papéis de homem livre com demasiada latitude de ingenuidade, num ambiente em que tais pretensões chocavam-se com generalizada falta de tolerância, de simpatia militante e de solidariedade.”

(FERNANDES, 1978: 30-31).

Afinal, quem é que daria emprego a um homem que “até ontem” era não mais que um pertence de alguém, isto é, um utensílio de um senhor?

E se você fosse um patrão na época da Abolição, daria trabalho a tal pessoa em sua loja?

Hoje, no Brasil, ainda podemos encontrar muitos problemas quanto à aceitação da diversidade cultural, apesar dos muitos movimentos que combatem a desigualdade racial e social nas mais diversas áreas da sociedade. Esses problemas são, na verdade, heranças de um passado, que fora muito pior.

Vamos “voltar” no tempo e tentar imaginar a cena de um negro, recém-liberto, pedindo emprego. Talvez o diálogo fosse esse:



Ora veja, ainda que o discurso das elites privilegiasse a liberdade dos negros, eles não tinham condições de igualdade na concorrência com os brancos,

“como não se manifestou nenhuma impulsão coletiva que induzisse os brancos a discernir a necessidade, a legitimidade e a urgência de reparações sociais para proteger o negro (como pessoa e como grupo) nessa fase de transição, viver na cidade pressupunha, para ele, condenar-se a uma existência ambígua e marginal.” (FERNANDES, 1978: 20).

Segundo Florestan, para os negros e os mulatos apenas duas portas se abriam, pois...

“vedado o caminho da classificação econômica e social pela proletarianização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou abater-se penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade de “homem livre.” (FERNANDES, 1978:20).

Portanto, pela interpretação de Florestan, a inexistência de um plano de incorporação do negro, elaborado pela sociedade que o libertou, com estratégias de aceitação social dos mesmos, foi fator importante que contribuiu para sua marginalidade social.



PESQUISA

Olhando para o resultado.

Primeiro faça uma pesquisa em órgãos como o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – e verifique qual é a situação do negro em termos econômicos e educacionais em relação ao branco.

Após a coleta dos dados, “trabalhe” com seus colegas os resultados, relacionando-os com as teorias de Florestan Fernandes sobre os negros.

Sugestão de filmes:

- “Guerra de Canudos”, 1997, BRASIL, Direção: Sérgio Rezende
- “Olga”, 2004, BRASIL, Direção: Jayme Monjardim